

**LITERATURA E MEIO AMBIENTE: PROGRESSO VERSUS NATUREZA –
Uma leitura de três romances hispano-americanos do século XX**

Por Elda Firmo Braga (PG/Neolatinas - UFRJ)
(Dedicado à Cláudia Luna)

Este trabalho tem como proposta refletir sobre a relação entre homem e natureza na literatura, a partir da percepção de que “os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural.” (GARRARD, 2006, p.29)

Nessa perspectiva, nosso objetivo é realizar uma análise comparativa entre narrativas produzidas no século vinte: o romance *Doña Bárbara*¹, do venezuelano Rómulo Gallegos (1884-1969), elaborado na década de 20, e as obras *Redoble por Rancas* e *La tumba del relámpago*² pertencentes ao conjunto de narrativas denominado de “Guerra Silenciosa”, do peruano Manuel Scorza (1928-1983), ciclo originado nos anos 70, também conhecido como “pentalogia scorziana”.

O romance *Doña Bárbara* apresenta como cenário as savanas de Apure, localizadas na região de Arauca, Venezuela, cuja produção econômica se baseia na pecuária. Essa narrativa retrata a natureza fundamentada nos ideais positivistas e de pressupostos deterministas. Desse modo, o progresso e civilização são contemplados como instrumentos de redenção para o ambiente e para os homens.

Na obra *Doña Bárbara*, entra em cena uma acentuada contraposição entre ‘civilização e barbárie’. Entretanto, desde o século XIX, a solução encontrada para suprimir a ‘barbárie americana’ era a civilização associada ao desenvolvimento e à modernização. Nesse sentido, ainda naquela época, os intelectuais hispano-americanos buscavam influência nos países europeus que eles acreditavam serem os mais desenvolvidos: a França e a Inglaterra. A Espanha, apesar de ser um país pertencente à Europa, era considerada, pela ideologia da civilização novecentista, a responsável pelo atraso que existia na América. Algum tempo depois, os Estados Unidos também se tornaram paradigma para a tão sonhada concretização do processo de civilização hispano-americana.

O livro *Facundo*, escrito em 1845, pelo escritor, pedagogo e político argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), é uma das obras que representa o confronto ideológico entre ‘civilização e barbárie’ no âmbito hispano-americano. Augusto Tamayo Vargas ressalta que o livro de Sarmiento descreve “a luta entre a barbárie representada pelo pampa, pela própria natureza americana, e a civilização, trazida pelos europeus, que está presente nas grandes cidades”. (VARGAS, 1979, p.467)

Embora o pretexto de *Facundo* fosse contar a história de Juan Facundo Quiroga, o principal objetivo da narrativa é fazer uma análise histórica e social da América Latina. Nesse livro, a barbárie é representada, principalmente, pelos indígenas e gaúchos. No entanto, para Sarmiento, a América Latina somente poderia evoluir se incorporasse os valores europeus; para isso, propunha uma política que levasse em conta a imigração de pessoas naturais de alguns países do ‘velho mundo’ para Argentina,

¹ Título em português: *Dona Bárbara*

² Título em português: respectivamente, *Bom dia para os defuntos* e *A tumba do Relâmpago*

como os italianos; proporcionando, dessa maneira, a tentativa de realizar uma nova colonização européia.

Para tanto, além de estimular a imigração, outro passo implementado por Sarmiento, com a finalidade de eliminar a barbárie, foi promover a educação associada à instrução.

Como contraponto aos ideais de Sarmiento, surgiu em 1872 o livro *Martín Fierro*, do poeta argentino José Hernández (1834-1886). Essa obra figura como uma voz de resistência do gaúcho que se opunha à ideologia da civilização defendida pelo autor de *Facundo*. O livro de Hernández valorizou os costumes ditos bárbaros e protestou contra a opressão, injustiça e discriminação gerada pela intelectualidade urbana. Dessa forma, em uma época em que os ‘notáveis’ hispano-americanos privilegiavam a cultura ocidental, Hernández optou pelo autóctone, enraizado no tradicionalismo argentino.

Entretanto, a luta entre civilização e barbárie, na América Hispânica, está presente em estudos de objetos diversos, como o econômico, o político, o social, o filosófico e o histórico, mas também é encontrada nos argumentos de muitas narrativas ficcionais. Romances do começo do século XX como *Los de Abajo* (1916), do mexicano Mariano Azuela (1873-1952); *La Vorágine* (1924), do colombiano José Eustasio Rivera (1888-1928); *Don Segundo Sombra* (1926), do argentino Ricardo Güiraldes (1886-1927); e *Doña Bárbara* (1929), do referido romancista Rómulo Gallegos, são todas narrativas representantes dessa tendência.

No romance *Doña Bárbara*, tanto a natureza quanto os homens são representados como bárbaros, sendo que a natureza abrange uma dinâmica significativa dentro do fio condutor da obra, pois o espaço narrativo é um ambiente que determina e, ao mesmo tempo, conduz as ações das personagens; portanto, as pessoas refletem seu entorno espacial. Desse modo, nesse romance, a natureza é retratada como selvagem, uma terra hostil, um lugar reservado por Deus para o demônio e homens machos; conseqüentemente, os indivíduos que vivem ali são apresentados como valentes, audaciosos, desumanos, cruéis, indelicados, ásperos. (GALLEGOS, 1997)

Doña Bárbara, uma descendente de índios, é personagem-título do livro. Seu nome remete à barbárie, cujo vocábulo pode ser conceituado como algo bruto, grosso, tosco, feroz, inumano. Ela é descrita como uma mulher cruel, a qual sequer a maternidade conseguiu suavizar, pois acredita que o fato de dar à luz a uma criança era uma prova do domínio do homem sobre a mulher.

O principal opositor de Doña Bárbara é Santos Luzardo, retratado, no romance, como um civilizador. Seu sobrenome apresenta vínculo com o sentido de luz, enquanto que, por analogia, o nome Bárbara (advindo de barbárie) e a selva podem remeter à escuridão.

Santos Luzardo nasceu e passou sua infância no ambiente rural, mas foi levado por sua mãe para Caracas, onde iniciou sua instrução escolar e formou-se em Direito. Ao regressar à sua terra natal, decidiu ficar, pois acreditou que poderia estabelecer ordem em sua fazenda; enfrentar a autoridade de Doña Bárbara e o domínio que ela possuía sob as pessoas da região; civilizar a selva e, conseqüentemente, os habitantes daquele espaço.

Nesse romance, o progresso e civilização são considerados como elementos positivos, pela possibilidade de promoverem uma transformação no ambiente selvagem e, também, de redimirem as pessoas que ali vivem. Dessa forma, a narrativa sustenta-se em uma visão maniqueísta configurada entre duas forças antagônicas: a civilização (um suporte para a redenção) e a barbárie (algo negativo que necessita ser superado).

Um dos elementos de apoio na transição da barbárie para a civilização seria a ferrovia, já que poderia estabelecer a comunicação da selva com outros espaços, sobretudo, o urbano, como podemos observar no seguinte fragmento:

De repente, o sonhador, iludido de verdade por um momento de esquecimento da realidade circundante ou jogando com a fantasia, exclamou:
 – A ferrovia! Aí vem a ferrovia!
 Depois sorriu tristemente, como se sorrisse para o engano (...), murmurou otimista:
 Algum dia será verdade. O progresso penetrará na selva e a barbárie retrocederá vencida. Talvez nós não consigamos vê-lo, porém nosso sangue palpitará na emoção de quem o veja.³
 (GALLEGOS, 1997, p.234)

Esse trecho do romance traduz a proposta ideológica da narrativa: transformar o ambiente bárbaro, representado pela natureza, em um lugar civilizado, a partir de idéias inerentes à civilização, progresso e modernização. Assim, o fragmento vincula-se à apreciação de que a civilização humana durante muito tempo foi e, ainda hoje, segue sendo considerada como sinônimo de conquista e domínio da natureza. (THOMAS, 1989, p.31)

Por outro lado, na “pentologia scorziana”, a visão do mundo natural é bastante diferente da apresentada no livro *Doña Bárbara*. Nos romances de Manuel Scorza, a natureza e a terra possuem um grande valor para as personagens.

As obras *Redoble por Rancas* e *La tumba del relámpago* têm como espaço, como todas as demais narrativas desse ciclo, as serras dos Andes Centrais peruanos, local que, desde a chegada dos primeiros conquistadores, sofre com a extração de minérios. Nesse sentido, essas narrativas apresentam uma perspectiva crítica a respeito do progresso, baseado nos princípios de exploração da natureza e dos recursos naturais. Sendo assim, o progresso é considerado, nessas obras, como nocivo para a natureza, por gerar uma diversidade de danos ambientais e sociais na região, a exemplo do seguinte fragmento no qual o narrador de *La tumba del relámpago* ressalta uma das conseqüências ambientais provenientes da extração de minerais: “(...) os resíduos venenosos que as minas despejavam no lago [Junín] haviam exterminado praticamente todos os peixes e agora eram poucos os parenses⁴ que ainda viviam de pesca.” (SCORZA, 2000, p.207).

Os protagonistas dessas narrativas scorzianas são camponeses indígenas que sofrem, diretamente, as conseqüências do sistema agrário peruano, baseado no latifúndio, e da atividade mineradora. Embora ambas as atividades interfiram na interação entre os indígenas e a natureza, trataremos especificamente da questão da atividade mineradora no curto espaço deste trabalho.

³ Tradução livre da autora do trabalho.

⁴ Pessoas naturais de Pari

A exploração de recursos naturais, em várias partes da América Latina, geralmente é feita por companhias mineradoras estrangeiras. Entretanto, a operação de empresas estrangeiras nessa região, sobretudo das estadunidenses, é muito anterior ao surgimento das grandes mineradoras.

Uma das primeiras intervenções da política econômica dos EUA em território latino-americano foi a criação da “United Fruit Company” no ano de 1899, em Boston. Essa companhia frutífera operou até 1970; sua função principal era comercializar, para Europa e Estados Unidos, frutas tropicais, com destaque para a banana – daí a denominação de alguns países latino-americanos como “República da Banana”.

Com o êxito comercial da “United Fruit Company”, muitas terras foram empregadas no cultivo de frutas para a exportação, promovendo, assim, a criação de imensos latifúndios na região. Eduardo Galeano aborda essa questão dando como exemplo um fato ocorrido na Colômbia, como podemos ver a seguir:

O *Corão* menciona a bananeira entre as árvores do paraíso, mas a *bananização* da Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Equador permite suspeitar que se trata de uma árvore do inferno. Na Colômbia, a United Fruit havia se tornado dona do maior latifúndio do país, quando explodiu, em 1928, uma grande greve na costa atlântica. Os trabalhadores nas plantações de banana foram aniquilados à bala, enfrente a uma estação ferroviária. Um decreto oficial fora ditado: “Os homens da força pública ficam livres para castigar pelas armas...” e depois não houve necessidade de baixar nenhum decreto para apagar a matança da memória oficial do país. (GALEANO, 2005, p.143)

Dessa forma, a intervenção estrangeira na América Latina gera, reiteradamente, as mesmas conseqüências: massacre e matança.

Assim, a instalação de empresas estadunidense em território latino-americano é uma prática antiga: primeiro aconteceu por conta de interesse nos produtos agrícolas e depois motivada pela extração e comercialização de minério; nesse sentido, Galeano enfatiza que “A economia norte americana precisa dos minerais da América latina como os pulmões necessitam de ar.” (GALEANO, 2005, p.175) e, mais recentemente, também pela exploração e distribuição de petróleo, entre outros.

Nessa perspectiva, a cidade de Cerro de Pasco, um dos espaços geográficos da “Guerra Silenciosa”, possuía um forte potencial para a atividade mineradora. Essa cidade é descrita, nos romances, como um espaço que apresenta características muito peculiares. Encontra-se em uma região montanhosa, com elevadas altitudes e climas diversos, por isso é um lugar difícil para atividades agrárias e pecuárias. É também um ambiente onde a falta de oxigênio pode causar sensações estranhas para os forasteiros; chove quase todos os dias do ano; não há árvores ou flores – a única vegetação existente é o capim que serve de alimento para os animais ou algum cultivo, principalmente plantação de batatas –; escurece plenamente às quatro horas da tarde e faz um frio intenso.

Apesar dessas peculiaridades, muitos estrangeiros interessados em investir na atividade mineradora chegaram à cidade de Cerro de Pasco na segunda metade do século XIX, como alguns empresários, engenheiros e técnicos alemães, franceses, sérvios, gregos, que viam no potencial de mineração da região uma forma de enriquecer rapidamente. No entanto, a mão-de-obra mineira era composta basicamente por habitantes locais ou das redondezas.

Nessa época, Cerro de Pasco chegou a possuir doze consulados; entretanto, no final do século XIX, com o suposto esgotamento dos recursos minerais, todos se foram e a cidade ficou deserta. Não obstante, no início do século XX, estudos feitos por engenheiros estadunidenses comprovaram a existência de uma expressiva reserva mineral na região.

Um pouco depois da referida constatação, a “Cerro de Pasco Corporation” foi fundada. Ela já surgiu grande, pois seus proprietários incorporaram quatro mineradoras e compraram diversas ações de outras empresas de mineração presentes na região.

A companhia atuava em Cerro de Pasco e em seus arredores. Junto com o seu estabelecimento, surgiu a infra-estrutura necessária para o seu pleno funcionamento, como a ferrovia⁵, o maquinário, a criação de uma fundição de onde saía uma fumaça tão tóxica que, conforme enfatiza o narrador de *Redoble por Rancas*, “asfixiava os pássaros num raio de cinquenta quilômetros.” (SCORZA, 1974, p.107)

Dessa maneira, outra vez a região voltou a ficar povoada. Em pouco tempo trinta mil pessoas já trabalhavam para a mineradora, primeiro abrindo as galerias e depois extraindo minérios.

Por meio de uma reflexão feita por Genaro Ledesma, protagonista de *La tumba del relámpago*, surgem dados sobre os lucros da companhia: “Em quarenta anos os americanos haviam extraído dali (...) mais de um bilhão de dólares em minérios.” (SCORZA, 2000, p.76) e, dez anos mais tarde, segundo informações dadas pelo narrador de *Redoble por Rancas*, a empresa “desentranhou mais de quinhentos milhões de dólares de lucro líquido.” (SCORZA, 1974, p.108). Assim, todo o investimento da “Cerro de Pasco Corporation” efetuado em sua infra-estrutura foi recuperado rapidamente.

Diante disso, uma forte contradição toma forma: na mesma proporção que crescia o lucro da empresa, a pobreza dos habitantes aumentava e, inclusive, a própria região não obteve melhorias além daquelas que beneficiassem diretamente a própria empresa. Em Cerro de Pasco, ainda segundo reflexões de Genaro Ledesma, em *La tumba del relámpago*: “Não havia calçadas laterais nas ruas (...), pelas quais há quatrocentos anos se escoam uma das mais fabulosas riquezas da América.” (SCORZA, 2000, p.76-7)

Desse modo, fica patente que o lucro proporcionado pela atividade mineradora pode causar imensos prejuízos, já que somente um pequeno grupo se beneficia dessa exploração, restando aos ecossistemas localizados no entorno das mineradoras, incluindo a população local, as amargas conseqüências dos danos causados pela extração e processamento de recursos naturais.

Além disso, na maioria das vezes, os habitantes do entorno das mineradoras sequer consomem os produtos fabricados a partir da exploração de recursos naturais. Essa produção industrial, geralmente, está reservada ao consumo de pessoas com poder de compra. Dessa maneira, as incoerências baseadas no fato de a riqueza gerar pobreza podem ser entendidas a partir de duas frentes de atuação interligadas dentro do pensamento desenvolvimentista: explorar recursos e promover o consumo.

⁵ A estação de Huancayo foi terminada em 1908. Em, 1921, a Cerro de Pasco Mining Corporation construiu mais 18 quilômetros até o seu centro mineiro. (<http://www.ferroviasperu.com.pe>)

Nesse sentido, um paradoxo se conforma, já que a exploração dos recursos naturais existentes no solo e subsolo traz como consequência a pobreza de muitas pessoas, conforme ressalta Galeano quando aponta que “A pobreza do homem [é] resultado da riqueza da terra.” (GALEANO, 2005, p.26)

Assim sendo, além das questões ambientais, configura-se uma forma de desigualdade social, já que quem possui poder de consumo pode usufruir desses recursos, enquanto que os outros ficam com todas as consequências dos danos causados pela extração de matérias-primas.

Por outro lado, são as empresas estrangeiras, geralmente, as que possuem o direito de concessão e de exploração dos recursos naturais; nesse sentido, há ainda uma fuga de divisas, já que a maior parte do lucro da mineração segue para outros países; materializando-se, dessa forma, em um novo pacto colonial.

Os problemas ambientais gerados pelas mineradoras representam um verdadeiro atentado contra os ecossistemas locais, uma vez que a destruição desenfreada traz uma série de implicações para a natureza, como a interferência na qualidade de vida animal, vegetal e mineral, pois as ações predatórias da atividade mineradora prejudicam a todos os seres vivos e, ainda, a seqüência da vida, inclusive a do próprio ser humano – o maior responsável por colocar em risco o imprescindível equilíbrio existente na natureza e na vida no planeta Terra.

Os efeitos das variadas formas de degradação ambiental causadas pela exploração de minerais – como as toxinas liberadas no momento da extração e resíduos derivados pelo processo de triturar, polir, moer, refinar – configuram-se em uma cadeia de prejuízos: afetam o solo, a água, o ar, a produção de alimentos e os consumidores...

Dentre as mais diversas implicações da atividade mineradora para a comunidade local, ressaltamos os danos causados à saúde, como problemas gastrointestinais, alergias respiratórias e cutâneas, aumento do nível de chumbo no sangue; os problemas sociais gerados pelo desmatamento, erosão, infertilidade, esgotamento e depredação do solo, fomentando a pobreza e a fome devido à escassez de solo fértil para plantar; a contaminação da atmosfera causada pela poeira, fumaça e gases tóxicos; a poluição da água ocasionada pelo despejo de resíduos nos rios, lagos, mares, e atingindo o lençol freático; a seca de afluentes, assoreamento de rios e de lagos; a alteração das correntes fluviais que geralmente causam inundações e prejudicam a irrigação agrícola; o uso excessivo de água e de energia elétrica no momento de extração e processamento do minério – por esse motivo muitas mineradoras têm a sua própria usina elétrica e represa –; o envenenamento da vegetação e cultivo agrícola; o prejuízo à saúde e ao bem-estar dos animais nativos e dos de criação para o consumo humano, por causa da fome, da sede e, muitas vezes, pela perda de seu habitat.

Para os mineiros, os prejuízos são muitos, já que os operários que trabalham dentro das minas estão sujeitos permanentemente a risco de acidente, pois a extração de minério é feita sob péssimas condições de trabalho; eles são explorados, pois recebem um salário muito baixo, longe de ser suficiente

para sustentar a sua família dignamente; desenvolvem doenças pulmonares entre elas a silicose⁶, considerada também como o “mal de mina” – Galeano afirma que essa enfermidade é uma forma de “morte lenta e silenciosa” (GALEANO, 2005, p.197), pois “O mortal alento da terra vai envolvendo [os mineiros] pouco a pouco. Em um ano já sentem os primeiros sintomas e em dez anos ingressam no cemitério.” (GALEANO, 2005, p.196) –, sendo assim, os mineiros têm uma baixa expectativa de vida, a maioria morre antes de completar aos 40 anos; esse ambiente também apresenta uma alta taxa de mortalidade infantil, uma vez que “De cada duas crianças nascidas nas minas, uma morre pouco tempo depois de abrir os olhos. A outra, a que sobrevive, será seguramente mineiro quando crescer. E, antes de chegar aos 35 anos, já não terá pulmões.” (GALEANO, 2005, p.195)

Enquanto que, para os camponeses andinos, em sua maioria formada por índios e de mestiços, pertencentes à civilização quéchuá ou aimará, esses danos geram um profundo impacto, pois eles são a maior parte da população da região e povos que apresentam uma relação muito especial com a natureza. E possuem, como principal fonte de subsistência, a pequena produção agrária e/ou pecuária.

Os indígenas tentam conservar uma forma de vida ancestral, desde o período anterior à conquista, totalmente integrada à natureza como salienta José Carlos Mariátegui, “O povo incaico era um povo de camponeses, dedicados habitualmente à agricultura e ao pastoreio. As indústrias e as artes tinham um caráter doméstico e rural. No Peru dos Incas enxergava-se que ‘a vida vem da terra’.” (MARIÁTEGUI, 2004, p.36)

Os andinos são, ainda, constantemente vítimas da violência quando se opõem à exploração sem controle das atividades mineiras, já que os camponeses, além de terem de enfrentar a expansão latifundiária, vivem em confronto com as mineradoras. Contudo, esses conflitos são baseados numa correlação desproporcional de forças: de um lado, as empresas contam com o apoio do governo central, locais e da força repressiva – o exército que deveria servir para proteger o seu povo e a sua nação, intervém para ferir e matar os grupos que tentam resistir à exploração e aos desmandos do poder, promovendo verdadeiros massacres ao tentar calar a voz daqueles que ousam reivindicar seus direitos e lutar por justiça –; de outro lado, as comunidades locais são amplamente afetadas, pois perdem suas terras – espaço de cultivo e criação de animais – com a expansão das mineradoras ou pelo envenenamento causado ao solo, água, ar.

No entanto, para retratar a relação do andino com natureza, é necessário que se considere a ‘reciprocidade’, um dos princípios mais importantes para os indígenas dessa região. Esse conceito tem o sentido de correspondência, mutualidade, troca; também diz respeito ao intercâmbio estabelecido entre homem e planta; homem e animal, homem e terra, homem e homem, homem e deidades. Para que a ‘reciprocidade’ tome forma, outros valores precisam ser levados em consideração, como respeito, responsabilidade, dedicação, solidariedade, diálogo (saber perceber, ouvir e sentir os sinais da natureza),

⁶ Silicose - Enfermidade crônica que atinge os pulmões. A silicose é causada pela freqüente inalação do pó de sílica. Ela é muito comum nos mineiros e cortadores de pedra.

conversa contínua, afetividade, gratidão, sensibilidade, equilíbrio, harmonia. (Revista Volveré, 2002; 2003; 2006; 2008)

Desses valores apresentados, alguns funcionam como base para a ética indígena-andina, como o respeito profundo por todas as formas de vida; a gratidão à terra e à natureza pelas vidas geradas; a responsabilidade de cuidar da natureza para que o meio ambiente e a biodiversidade sejam bem preservados.

Nesse sentido, os indígenas dos Andes consideram que três comunidades vivas constituem o universo andino: a natureza (plantas, animais, minerais), os homens e as deidades.

Sendo assim, tudo o que apresenta relação com a vida na região compõe uma irmandade simbiótica de onde brota um intenso laço fraternal entre os elementos pertencentes à natureza – uma relação íntima e familiar –, já que todos apresentam um grau de parentesco, são irmãos, pois foram gerados pela mesma mãe: a terra.

Dessa maneira, o sentimento de pertencimento à natureza faz parte de sua herança cultural, pois os mais variados povos indígenas, ainda que apresentem uma grande diversidade cultural, têm como um dos elementos em comum o amor e respeito pelo mundo natural, já que se sentem plenamente parte integrante da natureza. Como enfatiza Ailton Krenak, descendente do povo indígena Krenak, tribo localizada no Vale do rio Doce, leste do estado de Minas Gerais.

Nós temos tradição e ela está fincada em uma memória da antiguidade do mundo, quando nós nos fazemos parentes, irmãos, primos, cunhados da montanha que forma o vale onde estão nossas moradias, nossas vidas, nosso território. Aí onde os igarapés, as cachoeiras, são nossos parentes, ele está ligado a um clã, está ligado ao outro, ele está relacionado com seres que são aquilo que chamaria de fauna, está ligado com os seres da água, do céu, que liga cada um dos nossos clãs e cada uma das nossas grandes famílias no sentido universal da criação. (KRENAK, 1992, p.202)

Enquanto vários cuidados são tomados pelos índios para preservar o meio ambiente, a indústria mineira abre imensas feridas no solo com a finalidade de explorar recursos naturais. No entanto, essa exploração da natureza, de forma inseqüente, tem raízes históricas, pois faz muitos séculos que persiste a imagem do homem como um ser especial por consistir em um fruto da criação divina, razão pela qual se acredita que a terra e a natureza teriam a finalidade de atender aos caprichos e satisfação humana. (SINGER, 1999)

Os impactos socioambientais causados pela indústria mineira são tão graves que muitas das vezes se torna impossível revertê-los. Por conta da amplitude desse problema, muitas das regiões danificadas não têm como se renovar ou mesmo se regenerar e as feridas e cicatrizes causadas à terra serão eternas, durarão para sempre.

Sendo assim, os danos ao meio ambiente e aos povos originários, gerados pela exploração de recursos naturais, são incalculáveis, porque rompem com a relação estreita que o índio tem com a natureza.

Portanto, a reação aos ideais do progresso toma formas diferentes no romance de Rómulo Gallegos e nos de Manuel Scorza. No primeiro, os princípios da civilização são vistos como uma

maneira de subjugar a selva e seus habitantes, enquanto que, nos outros, são valores alheios ao povo andino e que servem para explorar, destruir e causar danos à natureza e a todas as formas de vida existentes na região.

A ferrovia também é um exemplo representativo da maneira pela qual os romances percebem o desenvolvimento. Em *Doña Bárbara*, é vista como uma porta de entrada para o progresso e, como tal, serviria como elemento de apoio à civilização da selva, pois poderia romper com o isolamento da região. Enquanto que, em *Redoble por Rancas* e em *La tumba del relámpago*, a chegada da ferrovia à cidade de Cerro de Pasco, construída exclusivamente para atender aos interesses da “Cerro de Pasco Corporation”, representa a violação da forma de vida secular do povo indígena-andino, cuja existência está profundamente integrada à natureza.

Por outra parte, o romance *Doña Bárbara* reproduz os interesses dos senhores de terra, fundamentados na constante batalha para proteger seus bens. Assim, há uma exaltação da ideologia burguesa na narrativa, fundamentada na busca incessante pela civilização e pelo progresso, como caminhos para a transformação capitalista da selva. Entretanto, esse livro não aborda os problemas dos trabalhadores do campo. Ao passo que as narrativas pertencentes a “pentalogia scorziana” retratam os conflitos relacionados à questão agrária; a luta solitária dos camponeses pelo direito à terra; bem como denuncia a repressão violenta realizada contra os indígenas nos momentos em que eles se mobilizam para defender as suas reivindicações.

BIBLIOGRAFIA:

- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOURNEFF, Roland & OUELLET, Réal. *O Universo do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- FAUSTINO SARMIENTO, Domingo. *Facundo*. Buenos Aires: El Aleph, 1999.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Galeno de Freitas. 45ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GALLEGOS, Rómulo. *Doña Bárbara*. Madrid: Cátedra, 1997.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. 10ª ed. Madrid: Cátedra, 1997.
- KRENAK, Ailton. Antes o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto e ABENSOUR, Miguel, (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LEITÃO, Luiz Ricardo. *Leonor e a Modernidade – O Urbano e o agrário na experiência periférica*. Rio de Janeiro: System Three, 1992.
- MARIATEGUI, José Carlos. *7 Ensaios de interpretação da realidade peruana*. Tradução de Salvador Obiol de Freitas e Caetano Lagrasta. 2ª ed., São Paulo: Alfa Omega, 2004.
- SCORZA, Manuel. *Bom dia para os defuntos*. Tradução de Hamílcar de Garcia. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- _____. *A Tumba do Relâmpago*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *La Tumba del relámpago*. 7ª ed., México: Siglo XXI, 1998.
- _____. *Redoble por Rancas*. 2ª ed., México: Siglo XXI, 2005.
- SINGER, Peter. *Liberación Animal*. Madrid: Trotta, 1999.
- VARGAS, Augusto Tamayo. Interpretações da América Latina. In: FERNADEZ MORENO, César (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1979.

VISCA, Arturo Sergio. *Aspectos de la narrativa criollista*. Montevideu: Biblioteca Nacional, 1972.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Palavras chave*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Textos eletrônicos:

Historia de las Ferrovías Central Andina - Perú. - <http://www.ferroviasperu.com.pe> (Texto sem autor - Site acessado em fevereiro de 2009)

LILLO, Javier. *Impactos de la minería en el medio natural*. - <http://reformaminera.wordpress.com/2008/06/02/34-impactos-de-la-mineria-en-el-medio-natural> (Site acessado em fevereiro de 2009)

MORAN, Robert. *Impactos ambientales en la minería*. - <http://www.geocities.com/NPCpop/bobmoran/articles/200306211514.html> (Site acessado em fevereiro de 2009)

MILLONES OLANO, José Enrique: Efectos Socio-Ambientales de la Actividad Minera sobre los Ecosistemas. In: *Foro Análisis del Impacto del Cambio sobre los Componentes de los Ecosistemas que Afectan la Calidad de Vida de los Peruanos*. - http://www.geocities.com/ecosistemas_peru/fv_millones.pdf (Site acessado em fevereiro de 2009)

Revista Electrónica Volveré. - <http://www.unap.cl/iecta/revista-volvere.htm> - nº 01/2002; nº 05/2003; nº 07/2006; nº 08/2006; nº 12/2006; nº 13/2006; nº 31/2008. (Site acessado em janeiro de 2009)

SALAZAR, Milagros. *Minería - Perú: un pueblo se destruye a tajo abierto*. - <http://ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=90907> (Site acessado em fevereiro de 2009)

VAN KESSEL, Juan. *La concepción del trabajo en el mundo andino*. Septiembre 1994. - <http://base.d-ph.info/es/fiches/premierdph/fiche-premierdph-1451.html> (Site acessado em fevereiro de 2009)